

## Escolarização ou Limitação dos Saberes

Moacir Alves de Faria <sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma relação entre a prática educativa, a sociedade e o Estado. É, além de tudo, uma tentativa de desnaturalização desses objetos tentando entender os fatos históricos que os produziram. No percurso pretendemos, por meio do nosso referencial, analisar alguns modelos de práticas educativas presentes na sociedade, que para nós não são naturais, com a finalidade de mostrar como o saber escolarizado, que obviamente é histórico, representou mais um retrocesso que um avanço. Trata-se de uma pesquisa histórica em títulos de obras sobre o tema.

**Palavras-chave:** Prática educativa, sociedade, estado, qualificação, especialização.

### 1. Introdução

Nosso objetivo é estabelecer, com o presente trabalho, uma relação entre Prática Educativa, *Sociedade e Estado*, tentando entender como os fatos históricos contribuíram para a produção de uma Escola Pública que se especializou e ao especializar-se se desqualificou. Entendemos que uma observação das condições histórica em que a escola foi produzida é fundamental para compreensão de nosso objeto o qual, do nosso ponto de vista, não poderia ser compreendido sem ser historicizado. No percurso pretendemos, por meio do nosso referencial, analisar alguns modelos de práticas educativas presentes na sociedade, que para nós não são naturais, com a finalidade de mostrar como o saber escolarizado, que obviamente é histórico, representou mais um retrocesso que um avanço.

### 2. Do Modelo Primitivo ao Artesanato

No que se refere à educação nas comunidades primitivas, Ponce (1982, p. 21-23) traz um conceito de educação como função espontânea da sociedade perante a qual as novas gerações se assemelham às mais velhas. Nesse modo de vida, onde as tarefas eram divididas de acordo com sexo e idade, as crianças aprendiam no convívio com os adultos a ter tudo em comum. Porém, o escasso rendimento do trabalho humano e a substituição da propriedade comum pela privada puseram um fim a esse

---

<sup>1</sup> Mestre em educação pela Universidade de Sorocaba.

modo de produção. A importância do trabalho exercido por alguns, o que os colocava em relevância em detrimento de outros, e a produção excedente de bens e seu intercâmbio, produziu a sociedade dividida em classes. Como a necessidade de mão-de-obra não era suprida pelo processo de natalidade da tribo, escravizar passou a ser interessante. Algumas famílias passaram a ser donas de terras e de outros homens. Surge a família patriarcal para assegurar a herança.

Como é possível observar, desde sua aurora, as sociedades exerceram práticas educativas, muitas vezes inconscientes, onde se transmitiu o saber cultural historicamente acumulado para as gerações seguintes. Constituíam-se como modelo de prática educativa o aprender fazer vendo fazer. Na convivência os conhecimentos eram transmitidos dentro de um primado de visibilidade. Muito embora houvesse o fato de que alguns conhecimentos não eram transmitidos a todos, pois conhecimento conferia poder, o homem não encobriu aos filhos e nem deixou de contar às vindouras gerações aquilo que ouviu, observou e aprendeu com seus pais.

Segundo Rugiu (1998) o artesanato foi um modo de produção de subsistência que se firmou como um interessante modelo de prática educativa. Ele faz uma observação das condições histórica em que se deu o trabalho artesanal como uma constituição complexa que sustentava uma sociedade na passagem do Feudalismo para o Capitalismo, buscando compreender o artesanato naquelas condições históricas, decifrando essa forma de produção material objetiva.

Por que tentar compreender essa forma de trabalho?

Na oficina do artesão está presente uma prática educativa que transparece na intencionalidade do mestre de ensinar ao aprendiz, um ofício.

Do ponto de vista do pensamento pedagógico, vários autores se lamentam ao fazer referência ao artesanato como algo com um fator valorativo intrínseco que se perdeu na manufatura e na industrialização. Por exemplo: o artesanato “educa” e só isso já justifica o sentido nostálgico da *formação* artesanal.

Conforme o mesmo autor (idem, p. 13) a imagem do mestre artesão, constituiu-se emblema de um sistema *formativo* comprovado. A questão central é tentar ver: o que essa nostalgia contém de fato? O que se perdeu? O que a indústria destruiu?

Ao olharmos o artesanato vemos uma pedagogia que nos encanta até hoje. Dominar o ciclo de produção e ser dono do produto. Não se pode deixar de levar em conta o real valor pedagógico que tiveram as corporações de ofício. Elas dão às artes

características genérica, são verdadeiras ligas profissionais que monopolizam a profissão e o *ensino* para elas dentro de uma relação mestre-aprendiz. Havia nas corporações um projeto cultural, um plano metodológico. Tinham privilégios, status, responsabilidades com o ensino específico e geral. Eram escolas de trabalho que se extinguíram com a industrialização.

Segundo Rugiu (1998 p. 28) o trabalho nas corporações parecia mágico, pois criavam instrumentos revolucionários que só os iniciados sabiam, ou seja, possuíam um dom mágico que não era ensinado. Com os avanços surgem instituições que conquistam a proteção do poder público, as universidades, nas quais, no início, eram pouco marcadas as distinções entre artes mecânicas e artes liberais. Saindo dos feudos e mosteiros foi necessário uma nova ideologia de organização das sociedades. Já não se trabalhava mais para se salvar a alma, mas para se ganhar<sup>2</sup>.

O movimento da passagem do Feudalismo para a Monarquia acabou por produzir as corporações onde os indivíduos têm domínio total da produção do ponto de vista teórico e prático. Sendo assim, projetavam e controlavam o que seria produzido tornando-se proprietários dessa produção que seria alienada diretamente pelo produtor. O mestre artesão dominava toda a produção, o que seria feito também pelo aprendiz que sabia o mistério profissional.

Essas corporações não se confundem mais com os mosteiros, pois fizeram surgir uma nova ideologia. Por meio do trabalho era preciso ter um ganho aqui e agora, além da santificação e da vida eterna. Tratava-se de uma mudança da ideologia do fazer aqui para gozar na vida eterna, para o gozar aqui e não depois da morte.

Numa revolução econômica, para se sair de um modo de produção para outro, precisava mudar toda a superestrutura. Precisava mudar, por exemplo, a ordem moral, religiosa, onde treinar para o ofício, construir uma nova ideologia de trabalho.

Repensar o trabalho como ganho foi a grande dica para a burguesia justificar a propriedade privada, pois ela resultava do ganho do trabalho.

Com o surgimento do mercado o produto se afasta do produtor provocando uma redução do poder das corporações causando seu desequilíbrio, o que mais tarde provocará o surgimento do modo de produção capitalista.

Nas corporações, o aprendiz aprende a desenvolver suas tarefas de acordo com

---

<sup>2</sup> Nos mosteiros havia uma ideologia onde o trabalho serviria como forma de espiar os pecados e ganhar a vida eterna.

determinado tempo que se dá em função do trabalho. Segundo Ruggi (1998 p. 129) surge a organização do tempo para a produção, a medida do tempo tecnológico que para a igreja era profano.

A manufatura promove a superação das corporações em face de uma especialização do trabalho até chegar-se à maquinofatura. Corporações, manufatura e maquinofatura representam as mudanças ocorridas no processo de produção. Quando esta se instituiu, o processo de formação profissional se alterou conjuntamente, provocando um distanciamento do conhecimento teórico para o prático.

O trabalho intelectual passa a ser o trabalho preferido pela classe hegemônica e para isso é necessário desenvolver a classe trabalhadora, pois, na configuração da afirmação da cidade sobre o campo, o artesanato evolui para a manufatura e se torna necessário preparar o trabalhador para atuar nesse modelo de produção.

A burguesia tem que criar os mecanismos de formação profissional que irão dar origem à escola que surgirá fora do mundo da produção. Tornara-se necessário escolarizar os saberes.

### **3. Um Instrumento de Manutenção da Hegemonia Burguesa**

Segundo Alves (2006, p. 135) a escola pública expressou o amadurecimento de uma necessidade social. Com a especialização do trabalho passamos a ver a escola do viés da modernidade. Para além do ideário que se criou sobre a escola pública, era necessário ter uma base material, concreta e objetiva de realização. Embora houvesse a defesa dessas idéias, ou seja, não era para impressionar a plebe, tinham consciência das dificuldades, falta de estrutura física, profissional qualificado e um salário adequado. O projeto da escola pública manifestava o sonho dos reformadores - sonho porque não havia ainda uma idéia do que seria uma escola pública. Com a mudança no modo de produção, a burguesia começa a se perguntar o que fazer com a educação. Na economia, como a educação poderia ajudar o capitalismo? Seria possível nesse momento fazer uma relação da educação com o mundo direto da produção. Toda relação é possível, pois somente quando há uma necessidade objetiva a burguesia vai produzir a escola para o trabalhador, antes disso, ela fica somente no discurso. Surge, portanto, por uma necessidade histórica. A condição histórica fez com que o proletariado demandasse a escola.

O mesmo autor (idem, p. 136-141) nos ajuda a entender como surgiu a clientela

escolar. Onde o problema é maior, criam-se modos de resolvê-lo. Para além da revolução técnica industrial, o capital vai atingir estágios diferenciados. Os capitalistas reúnem-se em grupos para concorrer com outros grupos. Há concentração de capital, um monopólio que vai acabar somente na segunda guerra mundial. A burguesia vai se importando cada vez menos com o nacionalismo e mais com o capital que não tem fronteira e nem nacionalidade, pois a nacionalização do capital significaria viver com um capital interno, com bloqueios comerciais. O movimento do capital necessita do trabalho, pois o trabalho vai produzir a mais valia. Houve momentos em que a tensão capital-trabalho se acirrou e quando a classe trabalhadora não se comportou como uma classe para si, o capital avançou e quando avançou, criou o seu contraditório, o seu trabalhador. Quando a revolução industrial se ampliou e demandou mais mão-de-obra, teve de incorporar mulheres e crianças à classe trabalhadora. As condições precárias provocaram uma busca pelas melhorias de condições. Quanto mais a burguesia investe em ciência e tecnologia, aumenta a margem de dispensa do trabalhador, pois a máquina fará o trabalho morto tornando o trabalhador vivo dispensável, porque a revolução tecnológica não para, precisando-se cada vez menos de mão-de-obra, colocando um exército na reserva. Os primeiros beneficiados foram as crianças, pois além de o capital poder prescindir do trabalho infantil, foi necessário criar uma instituição para cuidar dessa população, no caso, a escola pública, que surge por conta de uma necessidade objetiva.

Quanto mais tecnologia menos o trabalhador precisa saber e isto vai provocando um distanciamento entre especialização e qualificação, pois quanto mais se especializa para aquela técnica menos se qualifica no geral. Sabe-se aquilo e mais nada. Esse modelo vai produzir professores mais especializados e menos qualificados. Diferentes do mestre artesão que tinha uma visão global do processo, conhecerão do processo apenas a parte que lhes compete ensinar.

Pode-se dizer que a especialização tem uma dimensão positiva uma vez que o especialista se liberta de usar força bruta, e produz mais com menos trabalho, no entanto, a especialização produz uma contradição por não exigir qualificação sendo ela interessante somente para o capital. Produz-se assim uma escola cada vez mais especializada e menos qualificada por uma questão puramente objetiva, pois não há a necessidade de qualificar o trabalhador. A qualificação é uma visão para além da técnica, incorporando uma dimensão omnilateral. Uma formação para o trabalho que

entende o processo de trabalho. Como a burguesia precisa de qualificação, irá manter sua prole numa escola de qualificação. As demandas do mercado vão exigir maior especialização e menor qualificação. A classe trabalhadora vai conseguir a escola que o Estado quer dar e não a escola que quer.

Uma questão que não se pode deixar de levar em conta é que o profissional que trabalha numa escola especializada, cada vez mais se especializa e se desqualifica.

A escola, para o Estado, constitui-se num bom mecanismo do controle do desemprego.

A revolução científica causa cada vez mais o desemprego estrutural, criando uma reserva de mão-de-obra improdutiva, produzindo as políticas de bem estar social. Surge também a necessidade de criar outros empregos que não produzem nada, mas estimulam a produtividade. Esses empregados têm certo poder de consumo que alimentam a máquina. Um exemplo disto é a escola. Alunos e professores não produzem nada, mas a escola usa materiais que para sua produção são necessários outros empregos. A escola, para o Estado, constitui-se num bom mecanismo do controle do desemprego. Não é um lugar de distribuição de riqueza, serve como mecanismo de práticas populistas para ampliar a renda familiar como bolsa família, por exemplo. A sociedade capitalista produz a barbárie, o que mostra que não é capaz de resolver seus próprios problemas.

### **3.1. Escola como Espaço de Luta**

Snyders (2005, p. 99-100) nos dá uma idéia de como os educadores perceberam a escola como um espaço de lutas.

Conforme a desigualdade cresce, quando os carentes crescem em número e os burgueses consomem mais, surge a idéia da destruição da mega-máquina para que o homem deixe de ser manipulado. A escola tornou-se o meio de inculcação da ideologia dominante, opressiva e mentirosa.

Quando os educadores perceberam que a escola era um lugar de luta, iniciou-se um embate, pois se a escola avança na reprodução burguesa, o proletário sai perdendo e permanece a contradição no espaço escolar, que transparece na capacidade que a escola tem de reproduzir o *status quo*. A classe operária tem que dominar a linguagem culta como instrumento de libertação, mas temos uma escola assentada numa plataforma neoliberal que escolariza a partir da evolução tecnicista,

tendo a demanda objetiva de formar para o mercado, e se não qualifica para entender o processo, mas apenas parte dele, não qualificará para entender o mundo.

A grande questão é que se essa escola que está assentada numa plataforma neoliberal não qualifica para entender o mundo, como então produzirá o indivíduo capaz de subir a escada social? Necessário é levar em conta o fato que uma escola assentada numa plataforma neoliberal não ampliará a relação social, mas valorizará o individual.

Segundo Alves (2007 p. 76,77. In LOMBARDI e SANFELICE) o liberalismo representa a visão de mundo da burguesia. Seria preciso, então, fazer uma leitura historicizada do liberalismo para compreendermos a visão de mundo da burguesia hegemônica.

Não é tão difícil entender o liberalismo se entendermos que a escola atual manifesta em sua prática educativa aquilo que está no cerne do pensamento da burguesia, pois ela cumpre muito bem seu papel de reprodutora da sociedade que esta classe hegemônica deseja.

#### **4. Considerações Finais**

A sociedade sempre se encarregou, muitas vezes de forma inconsciente, de transmitir o conhecimento cultural historicamente acumulado para os seus semelhantes, o que nos leva a concordar com o entendimento de que toda sociedade exerce uma prática educativa.

A escolarização dos saberes obviamente representa um avanço no processo de transmissão do conhecimento cultural historicamente acumulado. As corporações, por exemplo, representaram um modelo de escolarização onde o aprendiz aprendia a profissão dentro de um modelo pedagógico onde se mantinha um primado de visibilidade. Nas corporações, ele dominaria o conhecimento do produto desde sua idealização até a sua entrega ao consumidor final. O aprendiz, tal qual seu mestre, teria uma visão privilegiada do produto e uma qualificação para o trabalho. Uma diferença que se pode notar entre o saber escolarizado e as práticas educativas que se estabelecia nas relações sociais é a intencionalidade de se ensinar algo a alguém.

Com a manufatura e a industrialização o saber passa a ser compartimentado e o indivíduo, a partir daí, passará a conhecer somente a parte que lhe compete em relação ao produto. Ele saberá aquilo e mais nada. Esse fato vai produzir uma escola

cada vez mais especializada e menos qualificada, pois, o poder público vai oferecer um ensino que seja suficiente para se exercer uma profissão. É um verdadeiro processo de desqualificação e limitação dos saberes.

A escola passa a ensinar somente aquilo que interessa à classe dominante, tornando-se assim um aparelho de difusão da ideologia dominante, mas ela vai pra além desse fato, servindo como forma de controle do proletariado, pois para o Estado não interessa o indivíduo qualificado, uma vez que ele terá idéias e idéias são perigosas. A escola passa a servir não só como instrumento de especialização e de fornecimento de mão-de-obra especializada, mas também como instrumento que manifesta a intenção de limitação do saber. Desse ponto de vista, a escolarização do saber foi o grande negócio da burguesia hegemônica e condição para sua manutenção.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, Gilberto Luiz. **A Produção da escola pública contemporânea**. 4<sup>a</sup> ed. Autores Associados. Campinas, SP: Histedbr, 2006.

LOMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luiz. (Org.). **Liberalismo e educação em debate**. Autores Associados. Campinas, SP: Histedbr, 2007.

NEVES, Lucia Maria Wanderley. (Org.) **A nova pedagogia da hegemonia: estratégia do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 3<sup>a</sup> ed. Autores Associados. São Paulo, 1982.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão**. Autores Associados, Campinas, SP, 1998.

SNYDERS, George. **Escola, classe e luta de classes**. (Trad. Leila Prado) São Paulo: Centauro, 2005.